

FERNANDO J. DE LUCCA

A ESTRUTURA DA TRANSFORMAÇÃO

*Teoria, vivência e atitude em
Gestalt-terapia à luz da sabedoria organísmica*



A ESTRUTURA DA TRANSFORMAÇÃO
Copyright © 2012 by Fernando J. De Lucca
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Salete Del Guerra**
Revisão técnica: **Gladys D'Acri**
Capa: **Gabrielly Silva**
Projeto gráfico: **Alberto Mateus**
Diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA.	11
APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO - Ninguém melhor para ensinar do que aquele que necessita aprender.	17
NO SENTIDO DE UMA COMPREENSÃO CIRCULAR DO HUMANO	39
1 O que é Gestalt-terapia?	45
<i>O que é Gestalt-terapia?</i>	45
2 A Gestalt de portas abertas	149
<i>A Gestalt de portas abertas.</i>	149
<i>Como se ensina e como se aprende gestalt?</i>	169
3 A clínica	195
<i>O corpo na Gestalt-terapia</i>	195
<i>Os sonhos como mensageiros de sabedoria</i>	208
<i>O humor na Gestalt-terapia</i>	215
<i>O enquadre.</i>	223
<i>Técnicas.</i>	226

4 Propósito	235
<i>Para onde, como e para quê</i>	235
<i>O caminho do meio é claramente um método</i>	243
EPÍLOGO	247
<i>Como apêndice... e final</i>	247
BIBLIOGRAFIA	251

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Figura conhecida e querida na comunidade gestáltica brasileira, que há muitos anos contribui em nossos eventos coordenando workshops e ministrando aulas e palestras, Fernando De Lucca nos brinda com esta obra para a qual tive o prazer de escrever o prefácio e fazer a revisão técnica. Fernando tem uma maneira de escrever que nos permite penetrar em seu interior – como penetra no nosso também – e, sendo assim, foi necessário todo o cuidado para traduzir as suas ideias da forma o mais fidedigna possível.

O título do livro instiga a leitura e, com o avançar dos capítulos, compreende-se a proposta do autor: (r)estabelecer a unidade biopsi-cossocioespiritual por meio da sabedoria orgânica. Para isso, convida-nos a conhecer sua trajetória profissional deixando claro como integrou os ensinamentos do eneagrama, do xamanismo e do budismo à Gestalt-terapia para atingir o seu objetivo. Fernando foi suficientemente corajoso para mostrar como é o seu fazer gestáltico nas funções de terapeuta e de professor, refletindo sua preocupação com a formação dos alunos.

Em linguagem acessível e com muita didática, o autor aborda o arcabouço teórico da Gestalt-terapia com maestria, facilitando a compreensão do seu propósito. Um livro imperdível, sem dúvida!

GLADYS D'ACRI

A P R E S E N T A Ç Ã O

Conheci o autor deste livro no final dos anos 1980, nos alvares da implantação de novos currículos na Faculdade de Psicologia da Universidade da República, em uma época de entusiasmo e abertura para outros olhares. Apesar de sua juventude, Fernando De Lucca já era referência importante de um enfoque humanista que procurava devolver à psicologia seu potencial transformador. A Gestalt, na época, era uma corrente pouco conhecida no Uruguai e enfrentar pela primeira vez sua proposta resultava sempre em uma experiência impactante. Hoje, essa corrente alcançou sua maturidade, assim como o desafio de continuar evoluindo.

A Gestalt que se expressa em Fernando é uma Gestalt de abertura e movimento, que não se confina em dogmatismos. Essa abertura se manifesta no interesse constante de incorporar ao próprio trabalho as pérolas de outras tradições, como o eneagrama, a meditação, o xamanismo, que ressoam na mesma frequência da Gestalt de Fritz Perls, conseguindo enriquecê-la sem que perca sua potência.

Os que estiveram próximos a Fernando se beneficiaram de sua curiosidade, o que o levou a ser um pioneiro no Uruguai no âmbito da psicologia e do desenvolvimento humano. Centenas de pessoas conheceram o eneagrama por seu intermédio, outras tantas fizeram com ele suas primeiras práticas de meditação em um contexto de trabalho gestáltico. Também foi ele quem convidou os mais reconhecidos expoentes das constelações familiares. E como eixo dessas “novidades” teve sempre um olhar que reivindicou em todo momento

a atitude gestáltica, uma atitude de integração, amplitude e responsabilidade com a experiência presente.

O livro que o leitor tem em mãos é um convite a percorrer caminhos práticos nos quais os conceitos gestálticos primordiais se integram com enfoques espirituais e ancestrais em um todo dinâmico e coerente.

O autor nos convida a olhar a vida a partir da aventura do descobrimento de nossa potencialidade, a partir da recuperação de nossa capacidade de contato, interrompida inexoravelmente no processo de socialização ao qual todos estamos expostos. Quando esses momentos de contato pleno são alcançados, sempre há um aprendizado, mas costumamos nos esquecer dele em benefício dos hábitos de toda uma vida. Nesse sentido, a conquista da atitude gestáltica se torna imprescindível como “antídoto” para nossa inclinação irremediável a cair repetidas vezes na fragmentação de nossa existência.

Superar essa fragmentação implica um trabalho pessoal disciplinado e comprometido, e supõe, ao mesmo tempo, uma renúncia maiúscula: soltar nossa intenção de controlar a realidade, entregando-nos à autorregulação fornecida por nossa sabedoria organísmica. O presente trabalho nos permite abandonar a aparente segurança que a nossa visão ordinária do mundo nos oferece, cheia de armadilhas e concessões, para alcançar uma verdade que pode ser tanto vivida quanto atrevida.

Então uma máscara cai e surge um instante de autenticidade, no qual algo que estava oculto, afastado ou esquecido se revela com nitidez e fica disponível para ser tomado novamente sob um olhar mais amplo. Nesse exato momento, estamos tocando a saúde, e aproximarmo-nos dela é renunciar às pretensões que emanam do ego a fim de recuperar nossa conexão com a unidade. Esse tipo de vivência nos permite compreender que – assim como o autor assinala – essa conexão “emana de uma sabedoria organísmica sempre presente, que contém e revela toda verdade”.

Toda a experiência de busca, clínica e pessoal do autor, está refletida no presente livro. Ele aporta uma fonte imprescindível de conhe-

cimentos, valiosos tanto para o profissional da saúde como para o público interessado em autoconhecimento. Todos poderão se beneficiar desta obra. Além de enriquecer seu conhecimento com seu conteúdo, poderão encontrar a inspiração necessária para estimular sua própria busca ou a de outros.

Em síntese, este livro é um expoente fiel do enorme trabalho de Fernando De Lucca. Trabalho esse que fez sem ostentação, sustentado como sempre em sua inclinação para abrir espaços de criação e compromisso coletivos, onde se animam o fogo da ousadia e a honestidade, a qual nos permite confirmar a contundência de nossa experiência básica.

Quando o observamos diante de outra pessoa, intrometendo-se em temas dolorosos com uma mistura de sábio e comediante, de velho e criança, transformando esse momento em único, vemos o toque magistral de alguém que confia que o que acontece é o que precisa acontecer e entrega-se sem duvidar a um processo que parece mágico. Com essa delicadeza, mostra-nos o que foi aprendendo e com toda generosidade compartilha esse aprendizado neste livro.

MIGUEL GUERRA
Buenos Aires, Argentina
19 de dezembro de 2010

INTRODUÇÃO

NINGUÉM MELHOR PARA ENSINAR DO QUE AQUELE QUE NECESSITA APRENDER

Como introdução, apresentarei os momentos mais especiais do caminho que fui percorrendo em minha busca pessoal, os quais dão estrutura e sentido ao conteúdo deste livro.

Certo dia, há muitos anos, surgiu em mim a necessidade de saber o que realmente me interessava. Assim, dediquei minha energia à busca de quem sou, em geral o primeiro passo do caminho. Com o tempo, quis saber de onde venho, o que me levou naturalmente a me perguntar sobre minhas origens, particularidades e um pouco mais. Percorri vários caminhos para tentar descobrir o que acredito, o que me propõe a relação natural com a incerteza e, finalmente, como último passo, entregar-me ao que é e, dessa forma, conectar-me com a vontade divina.

Tinha a convicção, em virtude de minha educação, de que as conquistas estavam diretamente ligadas a muita dedicação e por um longo período. O problema não estava na duração do processo de *aprendizagem* (nesses momentos acredita-se que havia muito tempo pela frente e em seres que promulgavam e prognosticavam verdades inquestionáveis), mas na ideia inquietante de que a escolha deveria ser algo que contribuísse com meu autoconhecimento, autorrealização e o bem social.

Naqueles anos, já no final de minha adolescência e com o Uruguai sob o regime militar, seguido do golpe de Estado de 1973, pretendia-se uma uniformidade no pensar e sentir em concomitância com as verda-

des de fiéis seguidores do modelo psíquico mais adotado. De fato, tratava-se de uma época em que não havia tempo, a tomada de decisões era caracterizada pela urgência. Essas condutas delatavam a importância excessiva que se dava à segurança, estrategicamente promovida como modo de controle externo coexistindo com a suspeita e a incerteza, por falta total de coerência.

Com meus pares, amigos e companheiros, conversava sobre esses pontos, até que uma noite tive um sonho do qual me lembro até hoje que impulsionou minha vocação e muitos de meus interesses atuais. Ainda que minha memória sofra a interferência de muitas vivências posteriores, mesmo assim tem seu valor. O sonho continha uma incomum sensação de gozo e certeza. O tema central era que me via diante de uma *forma de curar* que se desenvolvia com base em uma ideia de unidade e alegria. É óbvio que logo fui acrescentando aspectos, como o de que a unidade do ser é uma conquista interna e com o universo. Tempos depois, vi que o autoconhecimento é a maneira natural de começar a viver, de conquistar saúde intra e interpessoal, fruto de uma espiritualidade que busca conexão consigo e com todas as coisas. Outro aspecto que tornava esse sonho peculiar era que apresentava algumas pistas para chegar a essa conquista.

Quatro anos mais tarde, depois de ter me distraído em necessidades que clamavam por urgência, encontrava-me tentando ingressar na Faculdade de Psicologia – que naquela época tinha um exame prévio para a admissão de seus postulantes. Ingressei no curso e me dediquei fortemente; meu estado anímico geral era de alegria e entrega, até que em meados do ano, depois de termos formado um grupo de estudo com crescente interesse em psicologia clínica, ocorreu-nos consultar um dos professores que considerávamos mais próximo. Tinha a rara mescla de atitude paternalista com um ar liberal. Queríamos saber como nos encaminhar para a clínica psicológica.

Sua resposta foi contundente: a área clínica já estava mais do que abarrotada de profissionais e teríamos irremediavelmente de pensar em outra maneira de exercer nossa profissão. A amargura durou o tempo necessário para recuperar a força e a esperança que alimenta-

vam meu desejo de chegar até onde havia me proposto. Foi uma boa descoberta; nunca se sabe o que vai resultar dos acontecimentos que a vida coloca à nossa frente.

Foi assim que, algum tempo depois, contava com o entusiasmo com o qual tinha começado, e um pouco mais. No segundo ano, nos demos conta de que predominavam duas grandes abordagens psicológicas na formação do psicólogo – a psicanálise e a comportamental – e de que a estrutura pedagógica se sustentava exclusivamente na exposição de conhecimentos teóricos por parte dos docentes e na avaliação posterior para determinar a assimilação desse conteúdo. Não foi fácil aceitar proibições a autores e linhas de pensamento alternativas.

No terceiro ano, a vivência universitária se tornou crítica, a ponto de me questionar sobre o caminho que percorria. Sentia uma necessidade crescente de trabalhar comigo mesmo; foi assim que, como buscador que começava a ser, apresentou-se a oportunidade de participar de um laboratório de Gestalt-terapia coordenado pelo dr. Francisco Huneeus, que vinha do Chile a convite de um grupo de pessoas com afinidades com a psicologia humanística e as ciências sociais. Estávamos em 1979; o Uruguai ainda mantinha o ranço da proibição de qualquer manifestação discrepante aos preceitos de controle e segurança. Nesse caos, interessei-me pelo expressivo a partir do corporal. O corpo, como modo de exemplificar o que nos era ensinado, associava-se mais a algo “útil” do que à manifestação de um interior que se esforçava ardentemente por expressar-se. Não sabia identificar como minha intenção me levaria à fenomenologia. Assisti ao laboratório.

Foram três dias de trabalho gestáltico em grupo. Éramos cerca de 15 pessoas. Cada uma expunha sua temática perante o grupo. O coordenador utilizava o que para mim era um dispêndio atípico de recursos que, em certos momentos, incluía alguns dos integrantes do grupo no trabalho terapêutico. O enfoque contemplava o que cada um de nós manifestava verbal e corporalmente, levava em conta emoção e intelecto para chegar a um final inesperado. Descobria-se o sentido do sintoma que, ao ser “intercalado” no habitual, conduzia

para um “dar-se conta” integrador de todas as partes do indivíduo, criando uma perspectiva diferente.

O dr. Huneeus, também diretor da editora Cuatro Vientos, havia trazido livros de Gestalt de seu país. Assim chegou às minhas mãos *Sueños y existencia* (Perls, 1974), a primeira obra de Gestalt-terapia que li. Vieram-me à mente mil e uma ideias de como seria o fundador da terapia Gestalt, Fritz Perls, como homem e como terapeuta, enquanto repassava várias vezes a transcrição de suas quatro conferências, presentes na primeira metade do livro. Fiquei ainda mais impactado ao ler sua autobiografia em outro de seus livros: *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. Tomei consciência de que algo animava meu antigo sonho.

Mesmo sabendo que as ideias que tinha sobre Perls eram notoriamente subjetivas, podia considerar que a Gestalt não diferenciava *terapia de terapeuta*; algo óbvio, estimulante e perigoso. Esse laboratório foi um começo. Permitiu-me seguir adiante com meus estudos acadêmicos e verificar que existia algo diferente.

Com alguns dos participantes, criamos um espaço de encontro para poder avançar na *abordagem fenomenológica e existencial na psicoterapia*; de fato, até lhe colocamos um nome que tinha as iniciais dessa proposta: A. F. E. P. Discutíamos e líamos, sentia-me um rebelde – termo muito utilizado na época. É claro que a psicologia tinha bastante semelhança com o *establishment* sociopolítico. O grupo decidiu então ver outros terapeutas gestálticos em ação. Uma vez que no Uruguai essa corrente era desconhecida, apresentou-se a oportunidade de trazer o psicólogo Abel Marcos Guedes, um gestalt-terapeuta de São Paulo, Brasil. Abel coordenou dois *workshops* em Montevideú, com duração de três dias, que aconteceram em dois anos consecutivos, 1981 e 1982.

A Gestalt-terapia entrou em minha corrente sanguínea. O trabalho terapêutico que pude observar em meus companheiros e em mim mesmo proporcionou um grande aprendizado. Em Abel, senti a confiança e a capacidade para trabalhar aspectos pessoais no momento de transição para minha desconhecida idade adulta.

Hoje, diria que ele me mostrou três aspectos do trabalho terapêutico: a espontaneidade, como atitude natural por e para a aparição do fenômeno; a disponibilidade necessária do terapeuta; e a maneira de “estar no presente”, criando uma vacuidade intuitiva que orienta saudavelmente o campo no qual se produz o ato clínico. Foi no primeiro *workshop* que o caminho me foi revelado.

Naquele tempo, também pesquisei e me aprofundei na psicologia analítica de Carl Gustav Jung (1913). Esse autor me inspirou – e ainda hoje o faz – com sua concepção aberta do psíquico, a importância dos mitos que se revelam como manifestações do arquetípico e uma tipologia compreensiva e não determinista.

Graduei-me em psicologia um tempo depois. No final de 1984, já tinha me organizado para estudar Gestalt-terapia no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, no qual Abel Guedes e vários outros terapeutas gestálticos ministravam a pós-graduação, com duração de três anos.

Como eu morava em Montevideú, meu curso em São Paulo foi um tanto diferente: participei de várias oficinas de formação às sextas-feiras e aos sábados, que aconteciam no Instituto durante esses anos. Enquanto isso, aproveitava para ter aulas às quintas e sextas-feiras, estudar meus livros, participar de encontros terapêuticos, de maratonas de fim de semana – convivência na qual fui pioneiro no Uruguai e desenvolvi em seguida – e receber supervisão do trabalho profissional que desenvolvia naquele país.

Ia e vinha o tempo todo, até que em uma de minhas estadias no Uruguai fui chamado pela Universidad Católica del Uruguay Dámaso Antonio Larrañaga. A direção do departamento de Psicologia me propunha a criação de um curso anual de Gestalt-terapia para o último ano do curso de Psicologia. Eu tinha então 28 anos. Esse curso fazia história: era a primeira vez que a Gestalt, como abordagem antropológica, filosófica e psicoterapêutica, entrava no mundo acadêmico uruguaio dentro do currículo do curso de Psicologia. Começava minha carreira docente.

Em 1986, a inesperada abertura da Gestalt-terapia se completou com o reconhecimento universitário. Foi assim que a

docência e o trabalho clínico começaram praticamente juntos em minha vida profissional, enriquecendo-a e retroalimentando-se de formas e conteúdos.

Pouco a pouco fui compreendendo a Gestalt e integrando os conhecimentos e as vivências de forma tal que, de onde quer que partisse, podia entrar em contato com qualquer dos conceitos centrais. Nesse momento me dei conta de que a teoria gestáltica é circular e não linear, e de que a experimentação por parte do estudante dessa teoria poderia ser feita por meio do “dar-se conta” continuado, uma espécie de “atenção dupla” – conceito e atitude que merecem uma dedicação especial – sobre si mesmo; um estado de conscientização reflexiva da própria consciência.

Na aprendizagem, tema que merecerá minha análise mais adiante, é preciso existir uma revisão consciente dos processos afetivos e racionais que envolvem a maneira como me posiciono diante da tarefa, do grupo referencial em que estou inserido e de mim mesmo. Adotar essa atitude levava tempo e dependia muito de uma intencionalidade e de dedicação sistemática à espera da aparição de um “dar-se conta”.

O “dar-se conta” é alcançado por um estado de amplificação consciente no agora; é sempre um ato presente e por isso não perdurável, mas está dentro de um fluir de tempo e espaço. O dar-se-conta-sustentado-de-si-mesmo-no-mundo é a forma de aprendizado. A atitude gestáltica é a conquista mais valorizada no ensino e na clínica. O óbvio é seu foco. Essa atitude pode não ser conquistada nunca, pode chegar em algum momento para voltar a desaparecer, pode aparecer timidamente ou crescer de maneira paulatina sem que se possa prever quando nem como chegará... O famoso *ahá* que propunha Fritz era possível¹! Possível ainda que isso implicasse muito trabalho pessoal e a compreensão da temporalidade presente. Aprender, como ele mesmo assinala, é descobrir. Aprender é, foi e sempre será descobrir. Aprender, por tudo isso, é não ficar cris-

1. Fritz expunha, com a expressão *ahá*, o momento súbito em que o indivíduo tem um “dar-se conta” global e não exclusivamente racional.

talizado em formas que nos foram muito importantes em momentos transcendentais, e sim entender que tudo está em processo e tudo é presente, que nada se repetirá como antes jamais. Será isso o que pode nos fazer considerar a terapia um ato processual-criativo baseado em um encontro existencial dentro de um campo de consciência?

Esse impulso dentro de mim começava a criar um movimento na ávida população estudantil, seguramente acompanhado de uma atitude pessoal mais passional do que qualificada para o ensino de algo tão difícil de conseguir em si mesmo. Viver gestalticamente não é fácil. Faço um paralelo com a frase: “Sofrer a própria morte, e renascer, não é fácil”, com a qual Fritz (1974, p. 2) inicia seu livro *Sueños y existencia*. Os poucos, além de mim, que estavam nesse caminho e começaram a assumi-lo como estilo de vida e não como modismo foram se encontrando e se diferenciando.

Acabamos criando dois centros de difusão e ensino da Gestalt-terapia que, entre os anos de 1987 e 1989, começaram a gerar um movimento que nos assombrou: os cursos se enchiam de estudantes necessitados de “algo” que pudessem entender e combinar com as vivências do cotidiano, sem que para isso tivessem de ser eruditos nem adaptados.

Como docentes, também estávamos aprendendo a ensinar. Mesmo assim, várias coisas eram claras: esta era a psicologia do que nos acontecia. Quer dizer, os acontecimentos de nossa vida podiam ser compreendidos à luz da teoria e da prática que sempre a acompanhavam, contrastando com as “psicologias da suspeita”, para as quais o que é quase nunca é – ou, mais amistosamente – não pode ser. O contraste era entre uma *Psicologia do óbvio* e uma *Psicologia da conjectura*.

Em 1989, comecei a dar cursos de Gestalt-terapia na Facultad de Psicología de la Universidad de la República (Uruguai), em um novo currículo que enriquecia a formação do psicólogo, abrindo as portas para novas – outras – abordagens terapêuticas. A Gestalt começava assim a fazer parte do universo acadêmico nas duas universidades e a atender, em institutos particulares, à demanda por atenção e formação mais aprofundada.

Eu continuava viajando para São Paulo para dar seguimento à supervisão do meu trabalho clínico e docente. Tinham sido criados cursos intensivos de nove dias para estudantes que moravam no Brasil, mas em cidades distantes de São Paulo, assim como para estrangeiros. Decidi frequentá-los como forma de complementar e aprofundar minha formação.

Ali conheci mais profundamente Therese A. Tellegen, uma gestalt-terapeuta que tinha sido pioneira no Brasil e, com Abel Guedes, Lilian Meyer Frazão e Jean Clark Juliano, fundou e constituiu a direção do Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo, que dava formação no Instituto Sedes Sapientiae. Continuava aproveitando para assistir às aulas para as quais eu era gentilmente convidado e a palestras e jornadas com terapeutas gestálticos que se formaram em gerações anteriores. Assim, conheci nessa época Paulo Barros, Selma Ciornai, Myrian Bove e Ana Maria Loffredo. Cada um deles me ensinou algo do que sou hoje. Abel foi meu terapeuta e supervisor em muitos dos passos que dei em meu país e em minha vida.

Dessa forma, fui difundindo a Gestalt-terapia a partir da direção do Instituto Encuentro – Centro de Estudios Gestálticos del Uruguay, da docência universitária e dos trabalhos de terapia em grupo – maratonas – aos quais dei início no Uruguai em 1987.

Exercia essas atividades havia quase dez anos quando comecei a sentir algo que já conhecia: uma vibração que anuncia necessidades internas irrenunciáveis, que clamam para ser atendidas. Considerava que tinha conquistado a atitude terapêutica em concordância com a teoria, mesmo que existisse ainda certa carência.

Um dos aspectos que aquele sonho adolescente me fez conhecer foi que a saúde seria uma manifestação de unidade, e a doença mental uma fragmentação do indivíduo. Isso continuava inacabado. A fragmentação surgia no indivíduo quando ele se via como um ser comprometido no contato com seu universo, ou melhor, confundindo-se e acreditando ser ele mesmo o universo.

A prática me aproximava cada vez mais da necessidade de diferenciar o que o indivíduo supõe, demonstra e considera como seu verda-

deiro ser de algo que, ao ser tocado ao acaso, produz uma sensação de unidade, harmonia e alegria incomuns. Poderia falar de algo ilusório dentro do ser e de algo essencial que cimenta a existência, sem que isso necessariamente fosse uma revelação.

Por outro lado, e complementando, o encontro existencial nada comum em um processo terapêutico gerava em mim, diante de sua aparição, a ideia de um instante de eternidade, conexão e renúncia. Esta não seria exatamente um ato deliberado, mas uma intencionalidade desapegada, indiferente a todo pensamento e emoção, que oferece a certeza de estar vivendo o presente estrito.

Por esses caminhos fui me reencontrando com antigas buscas de minha adolescência, conhecimentos tais como o budismo e o xamanismo. E a vida sempre nos atende se a nossa necessidade é suficientemente intensa.

Aos meus 33 anos, fui convidado para participar do primeiro encontro sobre os ensinamentos da tradição cherokee que aconteceria na América do Sul. Aceitei o convite. Donna e Mats, os detentores desse legado, nos ensinaram durante 15 dias a ver o mundo de outro traçado, de uma realidade paralela. Toda e qualquer coisa para eles tinha uma manifestação peculiar de vida; algo tão óbvio quanto esquecido. Homens e mulheres, todos nós nos incumbíamos de atividades específicas para em seguida compartilhá-las com alegria e respeito. O contato com os elementos da natureza permitia uma expansão da consciência na qual amor e conexão desarticulavam drasticamente o conhecido. Toda ideia da teoria do psiquismo parecia pobre. Compreendi e experimentei que o psicoterapeuta não cura, é um instrumento por meio do qual o paciente se une com seu verdadeiro ser. E isso é algo radical para o ensinamento curador cherokee. O curador, por sua atitude e por ser um canal, conecta o paciente de maneira concreta com a sabedoria universal. Isso denota que a doença é desconexão de si e, acima de tudo, do universo. Compreendi a *circularidade* em toda manifestação: humana e universal.

Abandonei a linearidade das explicações sobre a vida. Percebi como a simplicidade e o jogo eram condições indispensáveis em cada

momento no qual esses dois xamãs se comunicavam com o grupo e entre si.

La realizando meu sonho, começava a integrar o que Fritz Perls considerava sobre os transtornos do contato com o que ia vivendo nessa experiência comunitária. A neurose se atualizava pelas controvérsias no contato consigo mesmo e com o mundo; o contato com as fantasias produzia algo ainda mais dramático: afastava-nos irremediavelmente da realidade. Esta nunca é produto de aparências nem de elaborações racionais; é indiscutível, soberana, perfeita, objetiva e, sobretudo, óbvia por natureza. Pude apreciar as relações entre as duas tradições.

Também era possível correr o risco de confundir os mundos aos quais pertence e responde cada um desses caminhos. O caminho da vida me levou novamente a compreender e a integrar tudo que foi aprendido até aquele momento.

Foi assim que menos de um ano depois conheci o dr. Claudio Naranjo. Seu livro *La vieja y la novísima Gestalt* tinha me impressionado, assim como sua relação com Perls na Califórnia e sua dedicação explícita para integrar a psicoterapia à espiritualidade. Ao saber que daria uma conferência em Buenos Aires e coordenaria oficinas e vivências, decidi inscrever-me no conjunto das atividades. Mais uma vez, procurando, chegava até mim algo maior do que eu esperava.

Ali tomei contato com o Processo Fischer-Hoffman, também chamado de Processo da Quadrinidade, e com duas joias muito antigas: o eneagrama e a meditação, que acompanhariam minha vida profissional e pessoal a partir de então. A meditação, como o leitor verá, é uma prática que será mencionada várias vezes, já que perpassa diferentes dimensões e aspectos do que será tratado.

Fischer-Hoffman é um programa de trabalho com as figuras paternas, no qual se tenta chegar ao perdão e à compreensão por meio do enfrentamento do que frustra e dos condicionamentos defensivos criados historicamente diante de tais figuras. Em seguida falarei mais da influência dos pais e do familiar no trabalho psicoterapêutico, integrando um olhar sistêmico-gestáltico.

Agora, o que é esse tal de eneagrama? Por enquanto direi que é um “conhecimento organizado”, um conhecimento que guia e organiza nosso processo no sentido da saúde, que descreve nove tipos de caráter possíveis e diferentes. Tais traços de caráter ou egotipos se constituem no nascimento e se congelam nos primeiros momentos da adolescência, resultando numa atitude neurótica diante da vida. A atitude neurótica é sustentada por um complexo entrelaçado de duas cordas: uma distorção cognitiva que me fixa a uma ideia unilateral sobre os fatos e uma emoção predominante que me impulsiona afetivamente, manipulando a realidade e gerando uma interrupção na confiança intrínseca do meu ser.

Chamava minha atenção em especial o fato de alguns aspectos que perturbam radicalmente nossa vida serem considerados por nós a *verdade* mais característica, fundamental e exata. Pareceria impensável mudar algo desse todo aparente, já que ele nem sequer é tomado como parte do conflito existencial. É impossível tratar o doente se temos a convicção de que se trata de nosso verdadeiro ser.

O *ilusório* se comporta como o que há de mais próprio e decididamente autêntico. O eneagrama nos ensina que o que nos parece ser simplesmente não é. Esse mapa-instrumento-caminho oferece um nexos entre a teorização do psiquismo e a experiência do transpessoal para a compreensão das motivações humanas universais. Para compreender melhor o eneagrama vou introduzir a Teoria do Ego à luz da abordagem gestáltica e transitarei também por uma revisão da Teoria do Instinto.

O processo de autorregulação orgânica – tema central na Gestalt-terapia que tive a oportunidade de desenvolver no *Dicionário de Gestalt-terapia – “Gestaltês”,* 2007, e merecerá então amplo tratamento –, responsável nada menos do que por ser o depositário da confiança nos recursos energético-criativo-evolutivos do indivíduo, se vê perturbado pela ação sistemática, metódica e enganosa de uma macroestrutura defensiva que confundimos com nossa verdade. Assim, o contato consigo e com o mundo faz da vida uma expressão de pobreza estereotipada e inautêntica.

A vida continua e não há trégua para quem busca. Cinco anos depois, e já tendo me aprofundado sobre o caráter à luz do eneagrama e dos conceitos aportados por autores como Bennet (1983) e Riso (2000), começamos a ensinar, com a supervisão do dr. Claudio Naranjo, os princípios básicos e em seguida os níveis superiores desse instrumento.

É nesse momento que dou outro salto. O mesmo que acontecera comigo ao começar a me preparar para ensinar Gestalt-terapia ocorreu com a psicologia dos eneatis. Dou-me conta do que compreendo e do que não compreendo, do que é parte de mim e do que não integrei, do que aceito e do que critico.

Começamos o ensino do eneagrama em 1997 em Montevideu e também cidades do interior do Uruguai. Recebemos convites da Argentina para trabalhar em Bariloche e Buenos Aires, e do Brasil para proferir seminários e *workshops* em São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis, Brasília e Goiânia.

Há mais de 20 anos que tudo isso se pôs a caminho, no transcurso dos quais foi criado no Uruguai, na cidade de Maldonado, um movimento importante na filial leste de nosso Centro Encuentro; enquanto a cidade de Salto se torna nossa filial norte.

O ensino do eneagrama pressupõe para o aluno a elaboração, pensada antes de cada encontro e de cada nível, de uma biografia pessoal na qual se pede que se revelem fatos que marcaram sua vida; algo como uma recapitulação sob a perspectiva xamânica.

A leitura das biografias proporciona ao coordenador do curso um conhecimento não só da história da pessoa como também da forma peculiar como essa história é relatada. De uma ou de outra maneira, cada indivíduo expressa e hierarquiza a influência que o familiar teve sobre a formação de seu caráter.

A maneira como se concebe e se vive a vida com modelos e *destinos* mostra nossa origem não só atual como ancestral. É claro que, com o passar dos anos de trabalho em psicologia clínica, há problemas que “parecem não ter solução”. As biografias, tanto as que meus pacientes ou alunos escrevem como forma de ingressar no eneagrama ou nos cursos de formação e especialização quanto as que vão sendo

construídas ao longo do processo terapêutico, contêm circunstâncias que se repetem de geração em geração e, pior ainda, são tomadas como naturais e indiscutíveis: apresentam-se como algo de que se padece de forma irremediável.

Ao comentar isso com uma amiga e psiquiatra argentina, dra. María de los Hoyos, surge dela o convite para umas jornadas que o sr. Bert Hellinger realizaria em Buenos Aires, em abril de 2001. Aceitei, participei e senti a necessidade de me submeter a um trabalho pessoal com ele. O trabalho que ele realizava me assombrou. Ele o chamava pelo nome de *Constelações familiares* (Hellinger, 1980) e o realizava em um palco de teatro. Ali ia explicando os aspectos mais relevantes da teoria enquanto trabalhava com seus pacientes. Para trabalhar com Bert era preciso inscrever-se com antecedência e tive a sorte de ter essa oportunidade graças a meus amigos argentinos. Ainda que seus fundamentos teórico-técnicos sejam fenomenológicos, o modo de trabalhar e o olhar sobre o que acontece são diferentes da Gestalt-terapia.

Hellinger propõe que muitos de nossos conflitos insolúveis podem vir de situações não resolvidas no sistema familiar presente ou ancestral. Sua ideia consiste em que cada um de nós nos afiliamos a uma “consciência familiar”, uma maneira de ver o mundo em concordância funcional – ontológica, a meu ver – a respeito de nosso sistema familiar atual e passado. Poderíamos considerar esse conceito equivalente ao de introjeção, que é considerado tanto na psicanálise como na Gestalt-terapia, exceto pelo fato de que essa consciência provém de um sistema familiar determinado por situações não resolvidas transgeracionalmente.

Nesse sentido, o que me parece interessante é a transcendência de uma ordem sã do sistema familiar, assim como o amor que provém dele, e a influência que isso exerce no crescimento de um indivíduo para se transformar em estímulo para seguir no caminho do autoconhecimento.

Fritz Perls, por sua vez, também trabalhava pedagógica e terapêuticamente em um teatro, e assim mostrava ao mundo seu enfoque inovador no final dos anos 1950. A ideia exibida por Fritz era a de ir

fluindo com o que o paciente ia trazendo como imagem em seu presente. Sua própria forma de conceber a saúde, que na Gestalt poderia ser traduzida como autenticidade, espontaneidade e criatividade, era a de não permitir ao paciente entrar em jogos manipulativos e repetitivos que expressassem e reforçassem a neurose.

Para isso, usou pela primeira vez, na psicoterapia e em sua pedagogia, técnicas como a da cadeira vazia, recurso emprestado do teatro, criando uma situação na qual o paciente dialoga com seus conflitos centrais colocando-os diante de si em uma cadeira ou almofadão. O trabalho permite descobrir, por meio desse diálogo, algo organicamente necessário para o paciente no atual momento de sua vida.

No trabalho, tanto com a cadeira vazia como com qualquer outro recurso teórico-técnico, o terapeuta gestáltico é guiado pelo que acontece ali. Treina uma atitude de indiferenciação criativa baseada na ideia de Solomon Friedlander (1947), velho conhecido de Fritz e, segundo ele, seu mestre mais elevado.

Friedlander vai além do conceito de integração, abrindo assim uma brecha para uma atitude de neutralidade de toda oposição, uma amplitude perceptiva e uma consideração especial do presente no sistema.

De acordo com Fritz, tudo está *aqui e agora*, o passado se atualiza em toda manifestação do indivíduo e o futuro é concebido e transformado em cada presente. Mesmo assim, há aspectos que nos escapam de modo sistemático e se repetem várias vezes. Nosso ego se encarrega de dissimular, camuflar e transformar tudo o que não se autossustente. É por isso que Fritz insistia no *dar-se conta contínuo*, ou seja, a pessoa teria de treinar a consciência de si mesma como forma de perceber e trabalhar sobre seu caráter. Convencionalmente, ao longo do livro, chamaremos o caráter de *ego*, exatamente como é considerado pela Psicologia Transpessoal. Já vimos que o ego se forma basicamente como resposta defensiva diante das “frustrações” de parentalização que poderíamos supor como a manifestação iniciática do processo de socialização na vida.

Como em outros momentos, questionei-me se a saúde psíquica e somática seria um fim em si mesmo. É indubitável que esse objetivo

é uma conquista irrenunciável no processo, no sentido de uma vida mais integrada e coerente; entretanto, pode-se considerar como parcial se o desejo é o de que a saúde emane do autoconhecimento que conduz a sentir-se e saber-se parte de um todo.

É claro que para isso precisamos de um caminho que nos guie ou pelo menos nos aponte direções, desencontros, passagens e chegadas a estágios intermediários mais elevados em relação à consciência de si mesmo. O caminho do autodescobrimento utiliza a mesma senda que o da saúde psicossomática, ainda que também seja verdade que a saúde nunca é uma conquista estável, mas uma intenção dedicada em uma temporalidade e espacialidade aberta ao fluir.

Tomando o neoxamanismo e as constelações familiares como aspectos que permitem visões complementares à Gestalt-terapia, vamos ao tema do amor. Basicamente o conceito das ordens do amor, já sugerido pela psicopatologia geral e nessa concepção denominado “amor cego ou doente”, contrasta com o amor sadio, produto da maturidade, do desapego e da entrega.

Fritz quase não falava do amor e faz pouca referência à psicologia em geral quanto a esse tema. Foi por meio de minha própria história de buscas terapêuticas que fui tomando contato com o amor sadio e o caminho tão difícil para conseguir vivê-lo e sustentá-lo nos vínculos, basicamente dentro do sistema familiar, do casal e das relações sociais. O aporte não é menor.

Como estou falando de meu caminho como buscador e ao mesmo tempo apresentando o que foi acontecendo comigo, chega a hora de introduzir a meditação. No trabalho com o dr. Naranjo – estou de volta aos anos 1990 –, a meditação começou a ocupar um lugar de destaque cada vez maior. Em minha adolescência já tinha incursionado por esses lugares, ainda que a concepção da meditação como caminho – e hoje diria como *antídoto* da vitalidade da estrutura egoica em nós mesmos – tenha recobrado e amplificado sua importância nesse tempo.

Tomei contato com Arnaud Maitland, um discípulo proeminente de Tarthang Tulku Rinpoche que se dedica há mais de 30 anos a incorporar, aprofundar e então difundir o budismo tibetano em diversas partes

do mundo. Consagrado ao propósito de Rinpoche, dirige a editora Dharma Publishing, que não só divulga textos do budismo pelo Ocidental como também distribui gratuitamente milhares de textos sobre suas tradições nas vilas onde vivem refugiados tibetanos, para que não percam suas raízes. Um homem com maestria em seu ser e saber, que provocou em mim uma transformação profunda.

A clareza de que a meditação é um processo ativo que começa com o relaxamento e nos conduz à concentração, um caminho de vida e uma forma de vivenciar a sabedoria que emana dos grandes mestres presentes do espaço e no tempo, não é menor no caminho do buscador. Visualizações e mantras, na meditação, fazem desse momento uma experiência cumulada de sucessos.

A amizade com Arnaud me leva diretamente a algo que ainda não contei: minha vocação precoce à renúncia e ao desapego do mundo do cotidiano, assim como a entrega à prática que leva ao absoluto. Esses chamados em idade precoce não são nenhuma exclusividade, têm o nome de *sambhogakaya* no budismo tibetano e são intrinsecamente transformadores. Relembra-los em idade adulta favorece e guia nosso caminho para a unidade.

O mais parecido a *sambhogakaya* que experimentei em minha idade adulta são momentos de expansão da consciência por meio da meditação na qual, visualizando a mente como espelho e com o desapego das emoções de eventos passados, chego à conexão com a inesgotável fonte de sabedoria que todos possuímos. A meditação é um canal que torna isso possível. Um canal que se esvaziou de “coisas” e pelo qual agora fluem os aspectos necessários para o caminho do encontro com a totalidade.

A Gestalt-terapia nos dá uma ideia do que é o conceito de vacuidade pelas palavras de Fritz extraídas do livro *Sueños y existencia*:

O nada não existe para nós, no sentido estrito, porque o nada se baseia em dar-se conta de algo e em seguida há algo aí. Descobrimos que ao aceitar e penetrar esse nada, esse vazio, o deserto começa a florescer. O vazio se faz vivo, se preenche. [...] *Nada* equivale a real, verdadeiro. (Perls, 1974, p. 69)

A razão de citar Fritz aqui é que ele faz uma diferenciação entre um vazio cheio de coisas e um vazio fértil, no qual é possível tomar contato com aspectos novos que solucionam problemas que se atualizam no tempo presente. Ainda que pareça um contrassenso, a grande maioria de nós e muitos terapeutas tentam dar resposta a circunstâncias presentes com antigas fórmulas, e não necessariamente por não estarem atualizados, mas por uma falta de percepção do presente como o tempo de vida no qual existimos.

E esse presente, por meio de sua conscientização global, pode ser o que nos custa tanto a conceber como realidade. Somos capazes, os terapeutas, de considerar essa realidade que se revela fenomenologicamente diante de nós sem interferências teórico-técnicas ou egoicas?

Essa consideração não se opõe em absoluto à ideia de que nossa percepção, e de fato todo o nosso agir, é irremediavelmente subjetiva. É a subjetividade que estimula a busca do contato humano (intersubjetividade) e uma das razões essenciais do encontro psicoterapêutico (*rapport*). Também acredito que essa subjetividade é um chamado transcendente à responsabilidade no processo de descoberta do ego, presente em todo ser humano e fundamentalmente naqueles de quem nos encarregamos da saúde biopsicossocioespiritual. Essa realidade, por sua vez, sinônimo de presença consciente, justa, fluida e em acordo indiferente entre opostos, deve ser adquirida mediante disciplina e clareza. A realidade, descrita dessa forma, é a atitude saudável na Gestalt-terapia e, segundo creio, em qualquer consideração universal de saúde biopsicológica.

Então, o que impede de chegar a uma atitude tão preciosa? Há pelo menos duas observações que necessito fazer aqui. A primeira é que o que impede tal manifestação de saúde, realidade ou unidade é um sistema ilusório-defensivo que age no automático e é simplesmente o que a Gestalt-terapia chama de *neurose* e a psicologia transpessoal e oriental chama de *ego*. A segunda observação é que não se pode viver nessa estrutura ilusório-defensiva. Assim como o ilusório só pode ser revelado por meio de sua identificação – ou seja, saber quando e como aparece interpondo-se e fragmentando a rela-

ção comigo mesmo e com o ambiente –, é necessário um corpo de conhecimentos que me guie, que possa sustentar resultados tangíveis no tempo.

O eneagrama como conhecimento organizado é uma forma possível e palpável de me autodescobrir nessa atitude ilusória. A ilusão provém de uma situação inacabada, ou seja, aquela que gera tendências dentro de mim para alcançar o fechamento ou a satisfação. Se há situações que ao mesmo tempo vou acumulando ao longo de minha vida, que vão criando um sistema de funcionamento indiretamente defensivo – no sentido de não poder responder a necessidades por não ter conquistado recursos que se transformem em expressões de medo ou apego ou simplesmente ociosidade –, a resultante natural é a criação de uma vida em que o interno se afasta do externo. Assim, começo a criar o equívoco mais sofisticado que chamamos *personalidade*.

A psicoterapia, inspirada por esse sentir, demanda que o paciente considere que o que acredita de si mesmo está defensivamente distorcido em relação à realidade, não por suspeita mas por constatação experiencial. Talvez não haja outro instrumento além de sua ilusão para se dar conta disso.

É aqui que aparece a meditação como remédio para esse ego que dita o que devemos criar, sentir e agir. A meditação dentro do processo terapêutico tem várias vantagens: em primeiro lugar, gera a disciplina necessária para sustentar um processo de cura – algo quase em desuso dadas as condições de instantaneidade na satisfação de necessidades do mundo ocidental atual; em segundo, produz um silêncio interno que leva a identificar a afluência indiscriminada de pensamentos que bombardeiam nossa mente e assim, em terceiro lugar, nos conduz a uma quietude interna-externa que pode ser assimilada ao conceito de vazio fértil da Gestalt-terapia.

Arnaud Maitland e o aprendizado que obtive com ele desde 1998 na arte da meditação me fizeram viver contemplando mais o presente e experimentando-o sem temores. Desejo colocar aqui um novo aporte à identificação não só do ego, nessa caminhada por minha

história pessoal, mas também de algo profundamente necessário: a experiência de budidade, o estado iluminado ou o encontro com nossa essência.

Fomos percorrendo desenhos para o contato com nossa unidade interior-exterior e o que definimos como sistema ilusório defensivo que concordamos em chamar de *ego* ou *caráter* é nosso desafio para trabalhar e desenvolver neste livro.

Vamos refrescar um pouco nossas ideias. Imaginemos uma parede circular que ultrapasse nossa altura, que não tenha nenhuma janela e cujo diâmetro seja mais ou menos pequeno. Imaginemos também que estamos dentro do círculo sem poder ver o lado de fora. Consideremos que a parede é suficientemente forte para que não possamos abrir nela um buraco com as mãos. Assim, transforma-se em costume viver dentro do espaço que ela determina. Com o tempo, alguns vão acreditar que esse espaço que fica dentro é tudo o que existe na vida, o que podemos e devemos conhecer.

Ao mesmo tempo, à medida que vamos crescendo, vamos considerando que o espaço interno é vivido de forma subjetivamente menor por um contraste natural entre as dimensões que nosso corpo-mente vai alcançando. Em algum momento tenho uma ideia: sinto que talvez haja algo além da circularidade do espaço em que vivo. Terei o atrevimento de desafiar o círculo? Como vou conseguir?

A história da humanidade mostrou duas grandes formas de fazê-lo: 1. criar um tipo de ferramenta que finalmente perfure a parede, onde em seguida em geral se encontra outra parede que circunda a anterior e assim uma atrás da outra, constituindo-se em uma viagem longa e honorável; 2. encontrar um veículo que permita que nos elevemos e, assim, vejamos o espaço infinito que está além dos limites do primeiro espaço. A consciência expandida é o veículo que nos eleva acima dos limites de nossa parede e nos deixa *ver* o que há do outro lado do círculo.

A meditação tibetana de Tarthang Tulku (1991, 2000), assim como as vivências do trabalho profundo com o ego que tive a honra de conhecer com o dr. Naranjo, foi fundamental em meu caminho, que

começou com a bela Gestalt-terapia, sábia e elegante, que me faz lembrar o Abel.

Os medicamentos naturais também são poderosos. Talvez no momento mais lúcido de minha vida, conheci duas pessoas, Enio Staub e Beth Moreira, que, como honestos buscadores e profundos conhecedores de um dos remédios mais eficazes, me ensinaram a descobrir e a descobrir-me por meio de experiências. Depois de anos me permitiram conduzir encontros em grupo. Também com eles descobri a grandiosidade que advém da recomposição do vínculo com o ancestral.

Isso me remete novamente ao encontro integrado com o xamanismo, a meditação, o eneagrama, a Gestalt-terapia, o teatro, a teoria e a vivência do campo por meio de um enfoque sistêmico integrador, do amor, da disciplina e de um toque de intuição de por *onde* e *como* se vai seguindo a busca constante e sustentável da saúde.

Quando me refiro à saúde, deveria dizer *unidade*. É necessário que um caminho leve à saúde psicocorporal, ou seja, à resolução de situações repetitivas, assim como a uma consciência de unidade do corpo com todas as demais manifestações do ser; para sermos precisos, porém, isso não é suficiente se pretendemos propiciar a conexão dessa unidade que somos com uma harmonia universal. Está mais do que claro que perdemos a conexão harmônica com nossos pares – que também poderíamos chamar de próximos ou irmãos –, o que significa dizer que nos afastamos da natureza. Estamos longe de dar espaço em nosso ser à abstração de ver o fogo, a água, a terra, o ar como entidades que merecem respeito, consideração e amor. O mesmo acontece com o universo vegetal e animal, pelo qual poderíamos sentir o mesmo apreço. A alegria de viver que a cooperação responsável e cabal entre os seres humanos pode nos oferecer se fragmenta na vivência agressiva da concorrência feroz por conseguir mais do que o outro: poder.

Nossa materialidade e a materialidade do que nos rodeia criam a necessidade de um vigor que nos obriga a viver acumulando força para dismantelar as interferências do sistema defensivo que condiciona a sabedoria organísmica ou o fluxo natural da vida.

Ao me dar conta disso precocemente, fui tentando seguir da maneira mais coerente possível uma visão da vida que me levasse a sentir e conseguir realizar concretamente a beleza do comunitário.

Bem, isso sim é começar o caminho do sonho de minha adolescência com a responsabilidade que o adulto sabe lhe dar. E é nesta meia-idade que hei de fazer o melhor que puder. Entretanto, é nosso ego que constrói em geral e é daí que surgem as necessidades psicossociais. É ao construtor que devemos questionar severamente, não lhe parece?

Hoje, vejo-me neste caminho, no começo do século XXI e entrando na década de meus 50 anos, o que torna evidente a consciência do impermanente que está presente em cada ato, sentimento e pensamento. A concepção gestáltica está mais madura dentro de mim e mais integrada ao meu viver diário, enquanto surge uma clara identidade com a maneira oriental de ver a vida. Começa a aparecer timidamente o que envolve tudo, uma sensação de unidade do vivido até aqui, fazendo crescer a apreciação de todos os caminhos e pessoas que me guiaram em seu trajeto.

Tendo percorrido e destacado o que me parece determinar minha maneira de ver, sentir e contemplar a vida e seus múltiplos entornos, considero que a busca da expansão da consciência leva ao conhecimento intuitivo do universo e, sobretudo, nos conecta com uma plena experiência da totalidade, da inter-relação de todas as coisas e de nosso lugar nelas. É a partir desse lugar que se desenvolvem hoje meu trabalho e minha vida como aspectos inseparáveis do todo.

Chegando até aqui, creio que o leitor poderá ter não só uma ideia de um caminho possível, mas também do que vai estimulá-lo a seguir. É ainda uma homenagem aos que inspiraram e inspiram em mim o que sou, aos que acompanharam e me acompanham, aos que me guiam e me fazem sentir um profundo respeito e agradecimento que quase nunca posso exteriorizar, já que pertence a um universo estranhamente não dialógico; é de outro mundo, um mundo no qual as pessoas e os sentimentos se revelam e não são escolhidos.

Por último, quero agradecer aos companheiros de jornada que me fizeram sentir que expressar o vivido em ensinamentos coletivos era

necessário. Eles mesmos se transformaram em alunos amorosos e, acima de tudo, em amigos. Também desejo agradecer aos que acreditam que levar tudo isso adiante é uma tarefa fácil, já que mostram, por meio de suas tentativas frustradas, que só cabe neste mundo humano o que tem propósito amoroso, honesto e ético.

Entretanto, e seja como for, tudo é impermanente.

FERNANDO DE LUCCA
Bairro de Ratones, Florianópolis (Brasil),
20 de setembro de 2007